



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

UM TEXTO IDENTITÁRIO NEGRO: TENSÕES E POSSIBILIDADES EM CAJAZEIRAS, PERIFERIA DE SALVADOR (BAHIA)

Nelma Cristina Silva Barbosa

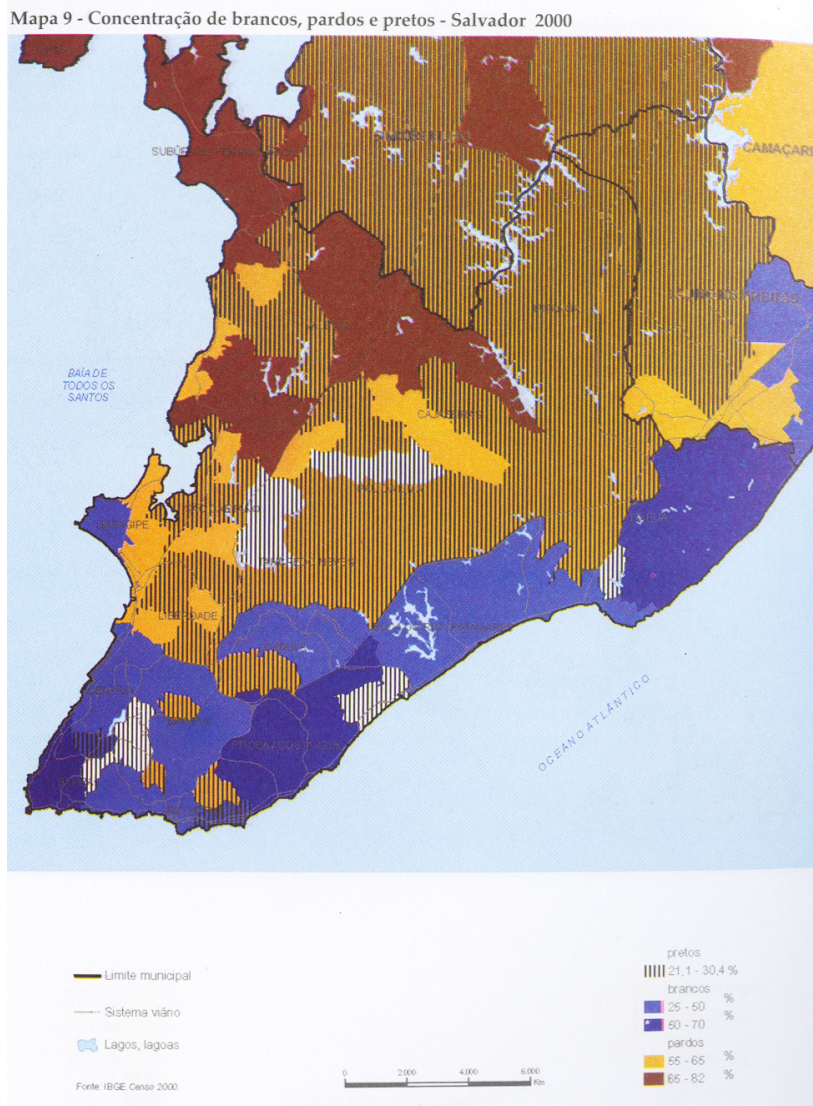
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)

e-mail: nelma13@gmail.com

Fundada em 1549, Salvador foi um dos mais importantes portos marítimos e centros comerciais do mundo na época. Sua economia baseava-se na produção da cana-de-açúcar e, para sustentação desses empreendimentos coloniais, foi trazido um enorme contingente de escravos africanos, expulsando - se os indígenas para o interior e áreas menos habitadas. O trabalho daqueles homens e mulheres além de ser a força motriz daquela economia, acabou por resultar em uma das marcas do modo de vida do povo baiano, assim como do seu espaço urbano. Embora a cidade oficial ocupasse inicialmente uma pequena parte do território dedicada ao comércio e administração, diversos quilombos foram criados no seu entorno à revelia do sistema escravista. Tais comunidades eram constituídas de índios, mestiços e principalmente escravos fugidos. Símbolos da resistência negra, os quilombos também representaram para Salvador o início do povoamento de muitos bairros populares da atualidade. Numerosas foram as tentativas de excluir o povo negro do contexto dessa cidade, especialmente após a abolição da escravatura, em 1888. A cidade de Salvador, na ânsia de se modernizar, implantou sérias medidas de normatização e segregação social e racial do espaço urbano.

No século XX, houve a construção de alguns conjuntos habitacionais e loteamentos populares e a expansão desenfreada das ocupações nas encostas e vales. O crescimento demográfico, ocorrido nos anos 1940 e 1950, causado também pela migração, levou ao aumento da demanda por moradia. A cidade já modificava sua estrutura e novas áreas começaram a substituir suas funções, a exemplo do centro. Na área reservada ao turismo (a orla marítima) extirparam-se as invasões. A nova centralidade de Salvador é marcada por empreendimentos privados e públicos dos anos oitenta, tais como a Avenida Paralela, o Centro Administrativo da Bahia, a nova

Estação Rodoviária e o Shopping Iguatemi (ANDRADE; BRANDÃO, 2006). Seu impacto orientou o sentido do desenvolvimento da cidade, interferindo na produção do espaço urbano com a configuração de três vetores de crescimento da cidade: a orla marítima norte, o miolo urbano e o Subúrbio Ferroviário (CARVALHO; PEREIRA, 2006).



Fonte: Carvalho; Pereira, 2006, p.102

A orla marítima é a área nobre da cidade, que retém maior riqueza, serviços e lazer, local de moradia, assim como de investimentos públicos e privados em equipamentos coletivos. O Subúrbio Ferroviário cresceu em torno da linha férrea ainda no século XIX. É uma das regiões mais problemáticas, concentra uma população extremamente pobre e além da carência de serviços e estrutura tem convivido com altos



índices de violência. No centro geográfico do município, encontra-se o miolo urbano (que outrora abrigara quilombos, grandes fazendas e pequenas propriedades rurais), ocupado por conjuntos habitacionais, loteamentos e favelas. Essa área foi escolhida como endereço das habitações da nova classe trabalhadora surgida na Bahia a partir dos anos 1970: os operários da indústria do petróleo. Cajazeiras é uma região emblemática desse modo recente de ocupação do espaço urbano soteropolitano que teve a urbanização referenciada na edificação de conjuntos habitacionais populares. Todavia, a construção do maior complexo habitacional da América Latina, o Complexo Cajazeiras, não resolveu o déficit de moradias.

Os edifícios de Cajazeiras inicialmente foram construídos para compor um bairro-dormitório de trabalhadores, o que acabou não ocorrendo devido às estratégias de relacionamento que os novos habitantes desenvolveram ao longo do tempo. O Complexo foi concebido para ser um lugar de passagem, sem possibilidade de troca entre os sujeitos, sem interação social, um não-lugar como sugere o teórico Marc Augé:

Vê-se bem que por “não-lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, no entanto, pois os não - lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (AUGÉ, 1994, p.87).

Essa lógica inicial foi invertida, pois embora contem com uma infra-estrutura precária, os moradores têm buscado fortalecer ou reavivar maneiras de convivência e valores coletivos baseados fundamentalmente em uma cultura originária: a cultura afro-brasileira. Cajazeiras é uma das regiões mais pobres e mais negras da cidade, que apresenta as mais precárias condições de habitabilidade, menor oferta de serviços e estrutura urbanas.

A cidade de Salvador, desde o período final do século XIX, esforça-se para acompanhar as tendências contemporâneas e a principal delas é a entrada e permanência no mercado internacional de cidades às custas de uma segregação racial e social cada vez maior. A capital baiana passou a ser ela própria a mercadoria.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A capital da Bahia nos anos 1990 consolidou sua condição de cidade enquanto mercadoria, que entra na disputa do mercado internacional, vendendo sua própria imagem. Nesta ótica, a metrópole selecionou espaços urbanos para representarem suas imagens-síntese, reformando-os sem resolver os problemas da exclusão social ao qual o povo negro da cidade está sujeito. A imagem desse novo produto, o *Bahia* é o resultado dos vetores da cultura local e da estrutura da cultura midiática, elementos fundamentais da globalização cultural. O “produto Bahia” insere-se no mercado cultural assegurado por sua diferenciação (seus agentes / produtos culturais) divulgada pela mídia. Mas tudo foi amparado em uma diretriz política governamental de associação entre política, comunicação e cultura. É importante frisar que atualmente a presença negra resultante da perseverança das estratégias culturais dos descendentes de africanos figura nesse cenário como personagem principal: a cultura afro-baiana.

Nesse contexto desenvolvemos o presente estudo, realizado no âmbito do mestrado do Programa de Pós- Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. A investigação pressupôs que a comunidade de Cajazeiras, através de suas lideranças, tem buscado construir um discurso identitário negro e tem escolhido o reavivamento dessa memória coletiva no bairro afirmando e protegendo símbolos como a pedra do Quilombo do Buraco do Tatu, também conhecida como Pedra da Onça, Pedra do Ramalho ou Pedra de Xangô. Consideramos essas como algumas ações na transformação de marcadores de pertencimento de uma origem comum (a origem africana). Esse fortalecimento da identidade negra também confere aos moradores desse bairro o sentimento de pertença à cidade de Salvador, que veicula como símbolo próprio a imagem da cidade-negritude, embora exclua em grande medida a população afrodescendente (que predomina em Cajazeiras) das condições de cidadania.



Foto : Nelma Barbosa

FOTO 01 - Pedra do Quilombo do Buraco do Tatu

Trânsitos e fronteiras

Ao investigar a construção do discurso identitário de Cajazeiras (bairro da cidade de Salvador) através de suas lideranças, não podemos ignorar que a relação entre lugar e identidade, assim como as fronteiras territoriais e locais estão cada vez mais presentes nas reflexões contemporâneas sobre a sociedade. Isso ocorre porque, entre as características – ou efeitos – desse momento da globalização, a rapidez da circulação das informações e dos deslocamentos territoriais (AGIER, 2008) é considerável.

Nas reflexões sobre as identidades é necessário considerar que o processo pelo qual os fenômenos se aceleram e se disseminam pelo globo (a compressão espaço-tempo) é composto pelo emaranhado de situações e circunstâncias diversificadas. Portanto, as disputas de poder é que condicionam as diferentes formas de mobilidade espacial e temporal. Mas quem controla essa relação é o grupo do capitalismo transnacional, que a manipula sempre a seu favor. Embora as classes e grupos subalternos tenham se movimentado entre as fronteiras nas últimas décadas, ainda não conseguem controlar a compressão espaço-tempo. A estes incorpora-se outra categoria que produz o fenômeno: o turista. Santos (2000, p.24) acrescenta que “a competência global requer, por vezes, o acentuar da especificidade local. Muitos dos lugares



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

turísticos de hoje têm de vincar o seu caráter exótico, vernáculo e tradicional para poderem ser suficientemente atrativos no mercado global de turismo”.

Isso a que chamamos de globalização ou globalitarismo teve seu ponto de partida na época das grandes navegações, a partir do século XV. Para o geógrafo Milton Santos, essa época é “de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2004, p.23). Este fenômeno não se mostra somente no plano econômico, mas interfere também no espaço urbano, na sua reestruturação e concepção de política pública. Os projetos atuais de modernização urbana objetivam a reinserção das cidades nessa conjuntura. Elas estão articuladas aos interesses ditos globais, proferidos por agentes que se autodenominam neutros, tais como governos locais, redes mundiais de cidades, agências multilaterais de cooperação (organismos de caráter internacional e ação global, que atuam como produtores de pensamento, difusão e financiamento de políticas públicas). As cidades foram transformadas em mercadoria e participam da competição de mercado, conforme orienta o sistema do capitalismo (SÁNCHEZ, 2001).

Mais do que nunca a cidade de Salvador está inserida nesse contexto. Se no início da colonização ela foi um expoente comercial, principal porto do Hemisfério Sul, a metrópole compete hoje no mercado internacional de cidades como sendo a própria mercadoria. O elemento mais importante da economia soteropolitana é o turismo e em função dele a capital baiana se definiu como uma mercadoria autêntica e rara, diferenciada e qualificada pelo seu modo próprio de vida e paisagens, nas suas expressões materializadas de cultura e de identidade. A síntese do produto Salvador é a idéia de uma democracia racial, onde prevalecem as manifestações artístico-culturais negras.

Apesar de continuamente empurrar os símbolos de sua marca (os negros) cada vez mais para áreas de habitabilidade precária tais como os vales, encostas e, atualmente, o miolo urbano, a cidade não conseguiu deixar o povo totalmente alheio às transformações do mundo, especialmente aquelas que abalaram antigos impérios coloniais no século XX. Sempre houve intercâmbio, troca de informações e de outros produtos como a moda, aspectos religiosos e tecnológicos ou a música entre os povos que sofreram empreendimentos coloniais como a escravidão (SOUZA, 2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mesmo com as iniciativas oficiais de desarticulação desse processo de consolidação do que compreendemos como cultura afro-brasileira, a presença negra se fez permanente em Salvador. A religiosidade de matriz africana, as expressões artístico-culturais, as peculiaridades da ocupação do espaço urbano, entre outros aspectos, são características de uma cultura baiana, vendida hoje como a autêntica cultura negra. Com base nos estudos de Muniz Sodré, podemos compreender por cultura afro-brasileira as reminiscências dos modos de vida dos grupos negros ancestrais reinterpretados e recriados em solo brasileiro. É o conjunto de estratégias de continuidade do *ethos* africano no Brasil, reconstruindo uma africanidade originada do cruzamento de múltiplas culturas.

Desenhando identidades

A noção de identidade estava ligada anteriormente à concepção de um sujeito unificado. Porém, os impactos causados pela globalização, como as relações sociais extraídas de seu contexto e reestruturadas ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo; a inexistência de um princípio organizador único; a articulação entre diferentes elementos e identidades e a característica de uma constante abertura da identidade lhe acrescentaram o aspecto fluido, polissêmico e móvel. É possível identificar-se com referências culturais distintas, já que a afirmação ou repressão de determinadas características identitárias das culturas diversas passa por uma escolha política. Esses processos de identificação têm redefinido o sujeito contemporâneo e, conseqüentemente, as identidades nacionais (HALL, 2005).

Na opinião de Cuche (2002), identidade é o conjunto de vinculações do sujeito em um sistema de sociedade. É o instrumento que permite a articulação do psicológico e do social em um indivíduo, constituído com base na inclusão e exclusão de características, numa negociação entre sua auto-identidade e uma hetero ou exo-identidade. Portanto, ela é forjada em uma relação de oposição aos outros grupos com os quais se está contactando. Cuche complementa indicando que se “admitirmos que a identidade é uma construção social, a única questão pertinente é: ‘como, porque e por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?’ (CUCHE, 2002, p.202).

Para Agier (2008), os processos identitários evocam constantemente a identidade étnica, que é a conexão entre a cultura e a integração aos contextos sociais. O retorno a uma etnia preexistente, modelo reivindicado pelos movimentos de caráter étnico, pode trazer inovações culturais e identitárias devido aos percursos articuladores de sua identificação. Os movimentos negros da Bahia podem ilustrar essa situação, uma vez que se afirmam como filiados à etnia africana ou negra ao mesmo tempo em que provêm ou circulam nos circuitos mais globalizados.

A cidade de Salvador, influenciada por esses processos mundiais, tem deixado aflorar nos seus embates políticos cotidianos as contradições e ambivalências das identidades afro-referenciadas e o poder instituído. Em virtude de seus acontecimentos históricos e culturais, além do panorama econômico baseado em uma política de potencialização das diferenças étnico-raciais para o turismo experimenta-se hoje, na capital da Bahia, uma auto-estima nunca antes experimentada pela população negra da cidade. Esse fenômeno confirma o pensamento de Hall (2003) para quem a cultura negra é um local de contestação estratégica que pode conquistar diversas posições, mas sempre será a representação dos modos de vida em que baseiam, independentemente de serem cooptadas ou inautênticas. O autor ainda afirma que as diferenças raciais não nos constituem inteiramente porque negociamos de maneiras diversas com outras diferenças e estes aspectos antagônicos não se alinham, nem se aglutinam em torno de um eixo único de diferenciação ou se reduzem um ao outro. Cada ponto negociado tem um fundamento extremamente subjetivo que se desloca entre si. Isto quer dizer que a identidade racial não traz, necessariamente, uma postura libertadora e progressista para outras dimensões. A identidade é construída socialmente e desenha escolhas políticas de grupos humanos. A reivindicação das identificações encontra-se num quadro de dividendos políticos, sendo necessária uma observação primordial do lugar de fala desses sujeitos contemporâneos, por isso acentuamos que no presente estudo optamos por trabalhar com as representações das lideranças comunitárias, que não são a totalidade dos cajazeirenses, mas são aqueles que se apresentam como interlocutores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

perante a Cidade do Salvador, além de serem moradores, sujeitos que constituem a história do bairro.

Se a cultura problematiza a relação do indivíduo consigo próprio e com o social (a sua cultura) através de conflitos, alianças, redefinição da posição social, as cidades são o palco dessa situação, pois elas facilitam e induzem o relacionamento de diversos textos identitários. Mas o processo identitário depende de um Outro. Esse “outro” aqui é a cidade de Salvador apartada de Cajazeiras, aquela construída pelo imaginário da baianidade, pelo marketing do turismo.

A noção de cultura afro-brasileira é bastante discutida na obra de Muniz Sodré, para o qual a originalidade da cultura negra “consiste em ter vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambigüidades do poder e, assim, podido implantar instituições paralelas” (1983, p.132). Durante as descrições de modos de vida em Cajazeiras, eram mencionados freqüentemente aspectos da cultura negra como parte do cotidiano daquela população. Tais características podem também ser chamadas de contra-espacos negros ou seja, territórios simbólicos do não-poder branco, embora nele se permita o contato com não-negros. São os lugares onde os descendentes dos escravos não sofrem repressão ou reprovação de suas criações.

Observando atentamente a fala dos sujeitos envolvidos no presente estudo, denotamos que há uma categorização de si mesmos e dos outros que vai no sentido da determinação de um grupo de pertencimento (negros). Tomando por referência o pensamento de Barth, para o qual “[se] um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.195), ousamos concluir que os limites étnicos ali há muito são desenhados.

O sujeito e o espaço vivido: caminhos...

Ao tentar identificar e analisar a constituição de um discurso identitário concernente ao Complexo Cajazeiras, periferia soteropolitana, observamos que o estudo de caso único seria a estratégia mais interessante para a pesquisa. Cajazeiras ocupa uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

área centro geográfico de Salvador, às margens da BR 324, limitando-se com a Estrada Velha do Aeroporto, bairro Castelo Branco e Represa do Ipitanga (APA Joanes Ipitanga). Abriga treze conjuntos habitacionais que contam com quase duas mil casas e apartamentos (NUNES, 2007). O Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2000 mostrou que a densidade demográfica bruta nesta Região Administrativa (RA) era de 84,91 habitantes por hectare, a taxa de alfabetização atingia 95,04% e era ocupada por 118.197 mil pessoas. Esse número é contestado por seus moradores, os quais alegam que o bairro possui entre 400 e 600 mil moradores (COSTA, 2006) resultantes da soma de 20 pequenos bairros (SOUZA, 2001).

Sabendo da dimensão geográfica da área de estudo e da inexistência da delimitação de bairros em Salvador, privilegamos a descrição local feita por lideranças cajazeirenses, legitimadas pela participação nas principais entidades locais. Perseguimos também a identificação de elementos que contribuem para representações identitárias do bairro, como por exemplo, alguns símbolos ou territórios ressignificados pela população local. Observamos ainda os principais experimentos comunitários realizados dentro do objetivo de consolidar uma identidade própria, bem como comparar suas principais características. Levantamos alguns trabalhos de pesquisa sobre a área, que ainda são poucos, e fizemos uma revisão de literatura que nos permitiu uma comparação mais circunstanciada. No intuito de estudar a identidade, utilizamos um outro recurso muito importante na pesquisa: a entrevista, porque ela pode se dar em situações imprevisíveis, mas sempre terá caráter flexível e aberto. Preferimos ouvir dos entrevistados sua autodefinição.

Optamos também por realizar uma pesquisa documental, pois esta permitiu analisar a expressão dos problemas através dos próprios indivíduos. Incluímos aí as formas escritas como prospectos informativos, projetos, planos, atas de reuniões, relatórios, comunicações oficiais e lançamos mão de pesquisa eletrônica para termos acesso a textos jornalísticos, imagens e artigos científicos disponibilizados na rede mundial de computadores.

Entrevistamos várias pessoas (homens e mulheres) com idades e profissões variadas, mas com a mesma condição de poder (membros de associações representativas do bairro), visando analisar como essas pessoas percebem o bairro e se percebem no local em que moram, bem como a relação deste espaço com a cidade e a sua trajetória



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de mobilização política. Nosso critério de escolha foi o da heterogeneidade, pois os indivíduos possuem uma sócio-história diferenciada, garantindo diversidade de discursos. E é justamente esse caráter heterogêneo que confere semelhança nos discursos quando transcritos e analisados. Inicialmente listamos algumas lideranças do bairro e certas organizações. Percebemos que a União das Associações de Moradores de Cajazeiras (UNIÃO) e a Cajaverde aparecem constantemente nos meios de comunicação, denunciando as condições precárias da vida na periferia e reivindicando melhorias para o bairro. A União das Associações de Moradores de Cajazeiras, representante maior de 32 associações, e a organização não-governamental Cajaverde, também preocupada com a qualidade de vida dos habitantes da região. Sabe-se que cada setor tem sua associação, no entanto, escolhemos essas duas que falam em nome de todo o povo cajazeirense, atribuindo a si mesmas uma abrangência territorial bem maior que cada organização setorial dos habitantes. São constituídas por membros anteriormente sublinhados como lideranças comunitárias dessa área, pois todos são comprovadamente oriundos de conselhos, associações, entidades ou são dirigentes locais de movimentos sociais. Ouvimos ainda integrantes de outros agrupamentos, mas apenas como informantes complementares.

Leituras identitárias

Há um interesse crescente em reconstituir e reavivar uma memória positiva da vida dos negros em Cajazeiras. De modo variado, disperso, esses moradores têm sido sensibilizados a serem pesquisadores e guardiães de sua própria história e cultura e o emblema dessa movimento é, sem dúvida, a pedra do Quilombo do Buraco do Tatu. O reconhecimento no bairro dessa parte histórica da resistência dos negros tem se dado através de transmissão oral. A rocha ficava escondida no meio da mata até que nos anos 2004-2005 sofreu a ameaça de implosão devido às obras de construção da Avenida Assis Valente, o que gerou grande mobilização em sua defesa. É interessante notar que a localização do referido quilombo é reivindicada pela população do bairro de Itapuã, celebrada intensamente nos grupos do movimento negro local como o bloco afro Malê de Balê entre outros.



O Quilombo Buraco do Tatu teve início em 1744 e foi destruído quase vinte anos depois, em 1763. Era bastante organizado e possuía um sistema de defesa militar bem definido. O quilombo tinha no seu entorno muitos vigias, inúmeras trilhas falsas e armadilhas pra confundir as expedições reescravizadoras e facilitar a fuga durante os ataques. Os quilombolas dedicavam-se também à agricultura, embora fossem acusados de furtos e assaltos. O Buraco do Tatu é hoje uma das referências para estudiosos das questões étnicas do Brasil e é constantemente celebrado e reverenciado nas instâncias do movimento social e cultural negro, especialmente aqueles da cidade de Salvador.

A enorme pedra em Cajazeiras é apenas o marco da entrada, uma espécie de portal daquele território de liberdade que se espalhava numa área de intercessão desses dois grandes bairros acima citados.

Voltando à Cajazeiras, a maioria das lideranças que proferem hoje discursos mais agressivos e de oposição à forma como os poderes públicos agem (ou não agem) naquela região são, em sua maioria, os filhos dos primeiros beneficiados do Complexo. É uma fala mais autônoma, influenciada pela formação política dos movimentos sociais como estudantil (grêmios estudantis), ambiental, negro (MNU, terreiros de candomblé, *hip hop*...), católico (Pastoral da Juventude, Comunidades Eclesiais de Base), artístico-cultural (roqueiros, poetas, companhias teatrais...), sindical, feminista entre tantas outras alternativas de participação política disseminadas vigorosamente nos anos 1980 e 1990 na periferia soteropolitana.

Por mais que às vezes se oponham uns aos outros, a persistência da questão dos negros fez com que isso se tornasse um ponto de ações consensuais entre os mais novos e os mais tradicionais representantes de Cajazeiras. Para os mais velhos, fica evidente que a negritude se apresenta como elemento importante na relação com a cidade de Salvador. Para os mais novos, a cultura afro-brasileira é um instrumento de integração na cidade e na economia. E esses sujeitos hoje se colocaram como interlocutores quando a questão é a defesa do patrimônio afro-brasileiro como a Pedra do Buraco do Tatu.

A preservação da pedra foi uma conquista coletiva. Algumas ações foram determinantes para a manutenção da pedra intacta: articulações políticas de campos ideológicos, religiosos e partidários diversos com setores do governo estadual (o responsável pela obra); inclusão como pauta nacional em conselhos populares de meio ambiente, cultura ou igualdade racial e até realização de manifestações públicas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

impedindo a continuidade do trabalho de homens e máquinas no local. Mantido o rochedo no local, outras disputas continuam a ocorrer em torno do terreno que a circunda. Outras associações também entraram na disputa pela articulação dos destinos daquela porção de terra para a implantação de projeto de criação de uma creche e uma área de lazer. Por fim, o governo estadual colocou uma placa indicando a “Pedra do Quilombo do Buraco do Tatu” e construiu um pequeno quiosque, mas em seguida a plaquinha desapareceu do local.

Uma das questões que afloraram nesse contexto é a importância da difusão dos valores e conceitos do patrimônio cultural afro-brasileiro. Há um conflito explícito nesse ponto, pois se para uns ela deve ser reservada ao culto afro-brasileiro, outros abominam tal idéia exigindo desses agentes sociais maior empenho na divulgação da história dos negros na sociedade.

A proteção à pedra também desencadeou uma campanha popular naquele bairro em defesa das áreas verdes, especificamente pela criação do Parque Ecológico de Cajazeiras. Para muitos, essas áreas verdes em Cajazeiras estão cada vez mais raras e são preservadas essencialmente em propriedades de religiosos do candomblé.

A comunidade tem experimentado um orgulho em função do desfecho dessa história e várias ações vem acontecendo tendo ao fundo o desenho de traços de um discurso identitário negro: pedidos de tombamento como patrimônio cultural foram encaminhados aos órgãos oficiais; professores têm realizado trabalhos escolares com a temática da Pedra e o movimento estudantil já realizou ações junto com o *Hip Hop* para divulgação e preservação do monumento. A organização não-governamental Cajaverde, por sua vez, adotou a pedra como sua logomarca, enquanto as instâncias de controle social das políticas públicas como as conferências e conselhos dos últimos anos têm colocado a proteção à pedra nos pontos de pauta, deliberação ou moções de apoio.

Tal mobilização rendeu a Cajazeiras a condição de palco das principais ações das comemorações do Novembro Negro, em 2007, evento promovido pelos governos estadual e federal em parceria com entidades e instituições oficiais de promoção da equidade racial. O dia 20 de novembro, dia da consciência negra, naquele ano foi comemorado de forma inédita no bairro e na cidade, trazendo artistas negros de renome nacional e local para a celebração.



Algumas considerações

Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998) é na história comum que se formam os traços culturais diferenciadores de um grupo humano. Por sua vez, a memória coletiva os transmite e interpreta solidificando símbolos representativos de uma identidade étnica no imaginário social, fortalecendo a idéia de uma origem comum e orientando-a para o passado. Essa fala de afiliação original (ancestralidade africana) tem sido cada vez mais recorrente entre os habitantes da nossa área de estudos. Não é só o movimento negro que coloca a afrodescendência no centro do discurso, mas outros setores têm sido atraídos para essa afirmação.

Ao assumir uma identidade étnica, as lideranças de Cajazeiras fazem um caminho de integração à cidade: para uns, é a estratégia de se acoplar a dinâmica da cidade-mercadoria, para outros mais envolvidos com o movimento negro, é o desejo da reparação justificado. O fato é que a negritude sempre esteve presente no cotidiano dos habitantes dessa região, mas ultimamente tem estado mais nos discursos, resultado do contexto histórico, social e político da cidade e do país.

Observamos que os habitantes da região estudada têm buscado o fortalecimento do referencial negro, criando mecanismos e dinâmicas de afirmação da mesma, tais como: valorização das iniciativas culturais negras como a capoeira, o movimento *hip hop*, as religiões de matriz africana; recuperação, defesa e divulgação de marcos históricos do povo negro da cidade de Salvador presentes naquela região, entre outros. Essas seriam algumas das fronteiras étnicas criadas pela população para determinar a pertença, bem como manifestá-la ou excluí-la (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998).

A luta pelo direito de pertencer à cidade hoje é materializada não somente nas batalhas pela qualidade de vida da população de Cajazeiras, mas em um desejo de ser reconhecido como parte integrante da “marca” Salvador. Afirma-se a identidade do bairro, do lugar, através de elementos simbólicos da cultura afro-brasileira como a Pedra do Quilombo do Buraco do Tatu. Percebe-se, porém, que o maior estimulador desse movimento é ainda o desejo de poder participar da dinâmica da cidade-mercadoria, alterando seu posto de bairro esquecido e excluído de Salvador.



Não ambicionamos emitir a palavra final sobre a questão examinada, mas apenas evidenciar os pontos de vista de um grupo que, embora não represente a totalidade dos moradores, é um segmento importante daquela população: os seus principais líderes comunitários. Eles não só representam os interesses do bairro e habitam o local, mas suas próprias histórias de vida determinam comportamentos, mentalidades e ações. São os interlocutores entre a região em que vivem e a cidade do Salvador e por causa desse trânsito precisam declarar quem são e de onde vêm, conscientemente ou não.

Mas cabe aqui ainda a seguinte reflexão: seria esse processo de identificação uma perda de identidade original daqueles moradores? Acredito que não, pois sendo a identidade uma escolha política, há a possibilidade de se articularem várias identidades ao mesmo tempo. Cajazeiras experimenta com o discurso afro-referenciado uma auto-estima nunca antes experimentada em relação à cidade. A identidade de proletários se funde com a da negritude soteropolitana e uma não precisa se subsumir na outra. Desta forma, as características básicas dessa população não são perdidas, ao contrário: elas se fortalecem enquanto referência positiva e como a identidade é sempre aberta, transitória e problemática, a possibilidade de câmbio desse discurso negro é também muito grande.

Referências

- AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf>>. Acesso em : 08 mai. 2008.
- ANDRADE, A. Bittencourt; BRANDÃO, Paulo R. Baqueiro. *Geografia de Salvador*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994
- CARVALHO, Inaiá M. M.; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs). *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana*. Salvador: Edufba, 2006.
- COSTA, Flávio. Atendimento médico em Cajazeiras é insuficiente. *Correio da Bahia*, Salvador, 10 jul. 2007.
- CUCHE, Denys. *La notion de culture dans les sciences sociales*. Paris: La Découverte, 2001



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP& A Editora, 2005

NUNES, Roberto. “Cidade” de médio porte. *Correio da Bahia*, Salvador, 06 set. 2007.

POUTIGNAT, Phillipe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras* de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, nº 16, p.31-49, jun.2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça (Orgs). *Identities: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 19-39.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

SOUZA, Emanuela. Cajazeiras: capital com jeito de interior. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 30 out. 2001.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005